



NOTA BIOGRÁFICA

António Gonçalves Correia nasceu em S. Marcos da Ataboeira, concelho de Castro Verde, a 3 de Agosto de 1886. Seus pais eram Manuel Correia Alves e Bárbara Francisca, ele sapateiro e ela ocupada no serviço doméstico.

Foi caixeiro-viajante, percorreu todo o sul do país no seu papel de vendedor de cordoaria, mercearias em madeiras de várias casas, e nessas deambulações conheceu Ana do Carmo, por quem se apaixonou perdidamente e com quem casou em Portimão no dia 7 de Novembro de 1905, depois de ultrapassados alguns obstáculos, pois a apaixonada de António foi criada por uma madrinha e cresceu num estatuto social mais elevado. O casal viveu em

Beja e do seu amor nasceram 10 filhos, cujos nomes foram sempre escolhidos de acordo com o ideal libertário que António tanto prezava, e que o levava a optar por nomes de escritores ou de ideais que defendia, como se pode concluir - Etelvira, Vítor Hugo, Antero, Emílio, Natércia, Liberdade, Celeste, Elizete Harmonia, Luz, Saudade.

Sendo um espírito livre, António queria demonstrá-lo a todos os níveis, também no casamento. O amor entre António e Ana foi enorme e respeitaram sempre a liberdade um do outro, porém, pelo facto de serem muito diferentes, às vezes não era fácil que cada um se adaptasse ao comportamento do outro.

Gonçalves Correia foi um autodidata, um espírito livre e um mentor de ensino e liberdade de mentes menos iluminadas ou menos sabedoras, como o confirma aquela sua ida à Biblioteca Municipal de Beja mostrar o livro "*Germinal*", de Émile Zola, a um seu parente de nome Germinal.

Em termos ideológicos, Gonçalves Correia foi republicano dos 18 aos 25 anos, segundo nos revela (Carta ao Presidente da República, "*A Batalha*" de 21. Maio.1921), porém, aos 25 anos, em 1911, enveredou pelo anarquismo, decepcionado com a República (já antes vinha a afastar-se para outros campos), pois como escreveu, cedo percebeu que não correspondia aos "puros interesses dos idealistas".



Gonçalves Correia foi colaborador em diversos jornais, como por exemplo "*O Parvir*", "*O Caixeiro do Sul*", "*A Aurora*", "*O Rebelde*", "*O Construtor*", "*O Facho*", "*Luz ao Povo*", "*Ecos do Guadiana*", "*A Batalha*". Foi autor de poesia assinada por ele próprio ou através do seu pseudónimo Pedro Monséni, possivelmente em jeito de homenagem a Juan Monseny, famoso libertário espanhol, destacando-se os

seus poemas "Contraste" e "O Meu Deus".

Fundou em Cuba (quando lá vivia), em 1916, o jornal "A Questão Social", de que foi diretor e redator, indo buscar o mote para o Jornal à frase de Guerra Junqueiro "Há mais luz nas 24-letras do alfabeto do que em todas as constelações do firmamento" e apresentando no primeiro número as características, causas e objetivos do mesmo, bem como as razões do seu aparecimento

- "Quem somos e o que queremos".

Em 1917 publicou o opúsculo "Estreia de um Crente", com o qual pretendia divulgar os seus ideais em forma que não fosse apenas a de artigos em jornais. Este opúsculo é constituído por diversas Cartas, que são no fundo como que uma "sebenta" sistematizando o seu pensamento, e que

Gonçalves Correia apresenta dirigindo-se a um caçador, a uma mulher, tio rico, a um condenado, a um republicano, a um advogado e a um anarquista.



No prefácio, o autor escreve "O autor do presente livro é um maluco incorrigível na boca de alguns burrancas. Pois fiquem-se V. Exas. com todo o seu juízo, que ele prefere ficar com os seus destemperas..."

Gonçalves Correia criou a Comuna da Luz no Vale de Santiago, em Odemira, exemplo do comunismo prático que vinha anunciando no Jornal "A Questão Social" através das suas 'impressões', e ainda antes de ir viver para lá com os seus companheiros, assim apresentando o sonho de criar a comuna, que passaria a designar *Comuna da Luz*.

Efetivamente criou a comuna, como refere a Raul Brandão na entrevista publicada em "Os Operários", na qual menciona também os acontecimentos relacionados com a greve de 1918; estes conduziram à sua prisão e ao fim da *Comuna da Luz*, factos que precederam a fundação da *Comuna Clarão*, em Albarraque, após a sua saída da prisão.

A mulher de Gonçalves Correia, Ana do Carmo, experimentou viver na Comuna da Luz, mas por pouco tempo, pois não se adaptava a tal forma de vida. Ora, segundo o próprio costumava dizer, a 'alma da comuna era uma senhora, Adélia de seu nome, professora primária, que se sabe ter abandonado tudo por ele e pelos seus ideais'. Do relacionamento amoroso que mantiveram, nasceu 1 rapaz (Ferrer) e 1 rapariga (Adélia), que morreu jovem.

Ainda no âmbito destes aspetos mais pessoais e particulares, deve-se clarificar que António continuava casado com Ana do Carmo, e que esta vivia na casa do casal em Beja, com os filhos que tinham em comum, sempre com o coração aberto para ele. De facto, António recolheu à sua casa em Beja, após a morte da filha Adélia, e lá estava Ana disposta a mitigar a sua dor.

Um dos filhos de Ana e António perguntou à mãe porque estava o pai tão triste, e ela retorquiu-lhe que eram coisas dele, mas que não perturbassem o pai, que ele estava a sofrer muito.

Retomando o assunto das *comunas*, as *colónias libertárias*, que Gonçalves Correia tanto abraçava, destaque-se ainda uma nota sobre os acontecimentos (1918) em Odemira e a Comuna da Luz.

Em 18 de Novembro de 1918 os trabalhadores do Vale de Santiago paralisaram em adesão à greve geral (da UON - União Operária Nacional), o que veio a ter consequências dramáticas, como por exemplo a prisão de trinta grevistas, que são deportados para Luanda sem julgamento. Gonçalves Correia não estava no Vale de Santiago, mas mesmo assim foi preso em Beja, acusado de ser o mentor da Comuna da Luz e de ter roubado sacas de adubo.

Da prisão do Limoeiro em Lisboa escreveu ao jornal de Beja "O Porvir", bem como ao "Diário de Notícias", neste caso para se defender das acusações publicadas em outro jornal de Beja "A Folha de Beja", clarificando o caso do adubo e apresentando testemunhas.

Da Comuna da Luz, então destruída para sempre, restam actualmente algumas ruínas perto das Fornalhas Velhas.

Pouco depois de sair da prisão, Gonçalves Correia funda com três companheiros a *Comuna Clarão*, em Albarraque, tendo explicado a Raul Brandão que a base seria uma vez mais a agricultura, destacando-se a horticultura, a floricultura, a pomologia, que a mesma deveria ligar-se por telefone a Lisboa, e que o objetivo era de natureza tolstoniana, salvando as crianças da rua, fazendo delas homens e mulheres honrados. A Comuna Clarão apresenta-se como um espaço social alternativo e torna-se um farol de resistência à ditadura iniciada com o 28 de Maio de 1926.

Há referências a que Gonçalves Correia terá sido um dos fundadores da Federação Maximalista Portuguesa (FMP) em 1919, contudo, não acompanhou os elementos que vieram a criar o Partido Comunista Português (PCP) em 1921, mantendo-se fiel às raízes anarquistas e aos princípios do anarcosindicalismo.

Como defensor do *Naturismo*, Gonçalves Correia participou no I Congresso Vegetariano Naturista da Península, que ocorreu em Lisboa em Junho de 1919, com a comunicação "*Naturismo e Comunismo: uma aliança sagrada*". Em 1922 proferiu uma Conferência no V Congresso dos Trabalhadores Rurais, "*A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura*", que teve duas

edições, em 1923 (com prefácio de Cristiano Lima, figura de destaque do anarquismo português) e 1931, tendo esta motivado a sua prisão de 1932, de que consta em **cadastro** que é "*um comunista perigoso, sendo considerado em todo o Alentejo como organizador e orientador de todos os movimentos de carácter social*", e como tal veio a ser encarado no futuro pelo Estado Novo.

Com efeito, o opúsculo "*A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura*", na sua 2ª edição, trouxe a Gonçalves Correia uma nova prisão.

Enviou 50 exemplares a um amigo, Luís Fernandes Laranjeira, em Chaves, para fazer algum dinheiro com a sua venda, e a quem posteriormente pede por carta o produto da mesma. Devido a este facto, é preso em Serpa a 26 de Novembro de 1932, e a sua casa é alvo de duas buscas, em dias seguidos, sendo aí apreendidos 90 exemplares do referido opúsculo e 8 exemplares da "*Estreia de um Crente*".

A 9 de Dezembro de 1932 é interrogado em Lisboa, e entre o que disse declara: "... não conhecer Luís Fernandes Laranjeira pessoalmente, e a venda dos opúsculos só tem como intuito melhorar as condições financeiras da sua numerosa família, de quem é o único amparo". Em 10 de Dezembro de 1932 é libertado, com a indicação "Restitua-se à liberdade e forneça-se-lhe requisição de transporte em 3ª classe."

A esta libertação talvez não seja alheia Ana do Carmo, uma vez que era amiga de um alto dignitário do regime vigente. Consta na história familiar que Ana do Carmo, numa das vezes em que o marido foi preso em Lisboa, parte para a capital sem mala de mão, nem chapéu, deixando um filho

doente, para ir interceder junto do amigo no sentido de que libertasse Gonçalves Correia. O amigo tranquilizou-a e disse-lhe que tudo já estava a ser feito.

Devido ao peso efetivo da ditadura do Estado Novo, Gonçalves Correia só falava com amigos de confiança, mas não deixou de apoiar as Candidaturas à Presidência da República pela Oposição, Norton de Matos e Humberto Delgado, eleições Presidenciais de 1949 e 1958, respetivamente.

Gostava imenso de ajudar os amigos e os que sofriam, fosse porque motivo fosse, ajudava trabalhadores rurais sem trabalho, e o seu apego ao conceito de Liberdade levava - o a comprar passarinhos em gaiolas, que posteriormente libertava com vivas à liberdade Gonçalves Correia manteve-se sempre fiel às suas raízes anarquistas, aos princípios do anarco-sindicalismo e aos valores da Liberdade, pela qual esperava sem cortar o cabelo e abarba. Passou os últimos anos atormentado pela depressão e outros males, muito em particular com uma '*dor de alma*', como invariavelmente respondia às netas.

Veio a falecer em Carnaxide a 2 de Dezembro de 1967, e foi enterrado com a barba e o cabelo compridos, em virtude de não ter cumprido o seu ideal de conseguir viver em liberdade.